

CINEMATECA PORTUGUESA– MUSEU DO CINEMA
A CASA
9 e 27 de Abril de 2026

JLG/JLG / 1994 (JLG por JLG)

um filme de Jean-Luc Godard

Realização e Argumento: Jean-Luc Godard / **Direcção de Fotografia:** Yves Pouliquen e Christian Jacquenaud / **Som:** Pierre-Alain Besse / **Montagem:** Catherine Cormon / **Interpretação:** Jean-Luc Godard, Geneviève Pasquier, Denis Jadot, Brigitte Bastien, Elisabeth Kaza, André Labarthe, Louis Séguin, Bernard Eisenschitz, Nathalie Aguilar.

Produção: Gaumont - Periphéria / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 56 minutos / **Estreia em Portugal:** King, a 23 de Fevereiro de 1996

JLG/JLG é exibido juntamente com SOFT AND HARD (A SOFT CONVERSATION BETWEEN TWO FRIENDS ON A HARD SUBJECT) – (1986, Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville), cuja “folha” é distribuída em separado.

*"Um auto-retrato em princípio não pode ser feito em cinema, é qualquer coisa que tem a ver com a pintura. Queria tentar compreender o que significava para mim fazer um auto-retrato, ver até onde podia ir no cinema, e até que ponto é que o cinema me podia aceitar". É a partir destas premissas que se desenvolve **JLG/JLG**. Premissas "pictóricas", portanto, em vez de "literárias" – e por mais do que uma vez, durante o filme, Godard insiste em que se trata de um auto-retrato, "pas une autobiographie".*

Auto-retrato, e auto-retrato "de Dezembro". O que é que isto quer dizer? Muito: que, como se costuma dizer, "as coisas mudam" (e que somos, como também se costuma dizer, "perpétuo devir") e, portanto, um auto-retrato de Dezembro será forçosamente diferente de um auto-retrato de Novembro ou de Janeiro; mas também, nessa temporalidade assim tão estritamente balizada, **JLG/JLG** quer recordar que o mundo de imagens e sons de que se faz o cinema só existe durante um fugaz momento (o tempo da sua projecção), e que essa é uma das razões da sua fragilidade porque depois desse momento passa a ser trabalho para a memória, e a memória, como Godard já disse e filmou tantas vezes, nem sempre sabe estar à altura. Mas Dezembro é também o mês do Inverno, o último mês do ano. E não deve haver nenhuma dúvida de que esse lado "invernal" e terminal é para ser levado em conta: **JLG/JLG** é Godard a filmar-se à entrada (a meio?) do Inverno da sua vida. De resto, o primeiro plano do filme mostra uma fotografia do cineasta enquanto criança, de quem a voz "off" do próprio Godard fala como se fosse "um outro" (é tendência dos auto-retratos, dizerem que "je est un autre", e este plano inicial liga-se a outros, no fim, que mostram Godard face a face com a sua imagem devolvida pelo écran do video). Esse "outro", diz a voz "off", era um jovem "com esperança". Num certo sentido, **JLG/JLG** é a história da perda dessa esperança, e a crónica do trabalho de luto por essa perda.

“Luto” ou “lutos” – são muitas as mortes de que Godard fala. A do cinema, claro, mas a da Europa também, e da Arte também. Para Godard, a própria Arte morreu, a partir do momento em que cedeu o lugar à Cultura. E explica: “a Nona Sinfonia é arte. Dirigida por Karajan, permanece arte. Distribuída por Sony Pictures, é cultura!”. Esse é um dos lutos de Godard: já não se fala de arte mas sim de cultura. A “Europa de Delors” –contra a qual **JLG/JLG** é um vigoroso manifesto – é a Europa da cultura, com as suas quotas, os seus proteccionismos, e o seu mercantilismo encapotado. E essa é uma das mortes do cinema: passou a mercadoria, que se vende em pacotes indistintos, mesmo que se fale (como agora se fala) de “propriedade intelectual”. Há uma cena fabulosa lá para o final, quando Godard recebe a visita dos “fiscais do Centro de Cinema” e estes lhe passam revista às prateleiras das cassettes de vídeo – com “reproduções de filmes” e não com “filmes”, conforme Godard precisa. Em face das cassettes, lamentam-se os fiscais: “cinema americano, quatorze prateleiras, cinema francês, só duas prateleiras...”. A morte de que Godard fala é afinal de contas a existência de duas linguagens inconciliáveis: enquanto alguns falam de cinema, a maior parte fala de “política do cinema”. Escusado será dizer que, por tangentes que sejam, não há nenhum ponto em que as duas linguagens se toquem. Mais uma vez, a arte contra a cultura: “a cultura é a regra, a arte é a exceção”, e nestes tempos “faz parte da regra querer a morte da exceção”. É esse o verdadeiro luto de Godard, um luto sem morte mas com asfixia lenta. Exprimido com uma tristeza melancólica e solitária, mas de uma beleza galvanizante.

Porque em Godard, mesmo o luto pode assumir uma dimensão celebratória. E na “morte do cinema” nada de melhor do que cantar esse mesmo cinema. Assim, Godard passa todo o filme a lembrar-nos “o que é o cinema”: imagens, sons, cores, música, ideias. “Numa palavra”, como se dizia em **Pierrot Le Fou**, “emoções”. **JLG/JLG** é simultaneamente um requiem e um canto de esperança, como se partisse da convicção de que se a “entidade-cinema” morreu, aquilo que é da ordem do cinema continua vivo e em permanente renascimento. Neste sentido, **JLG/JLG** é um filme exemplar na demonstração dessa vitalidade esquecida: exaltante na maneira como manipula as formas cinematográficas, como consegue criar “emoções” a partir da simples articulação de um plano com o som e com a música. Filme de síntese, **JLG/JLG** podia acabar com uma legenda a dizer: “o cinema é isto”. Ou seja, este breve murmúrio que de tempos a tempos nos vem sacudir e virar do avesso, com a violência de todas as paixões. **Johnny Guitar, À Beira do Mar Azul** ou... **JLG/JLG**.

Luís Miguel Oliveira